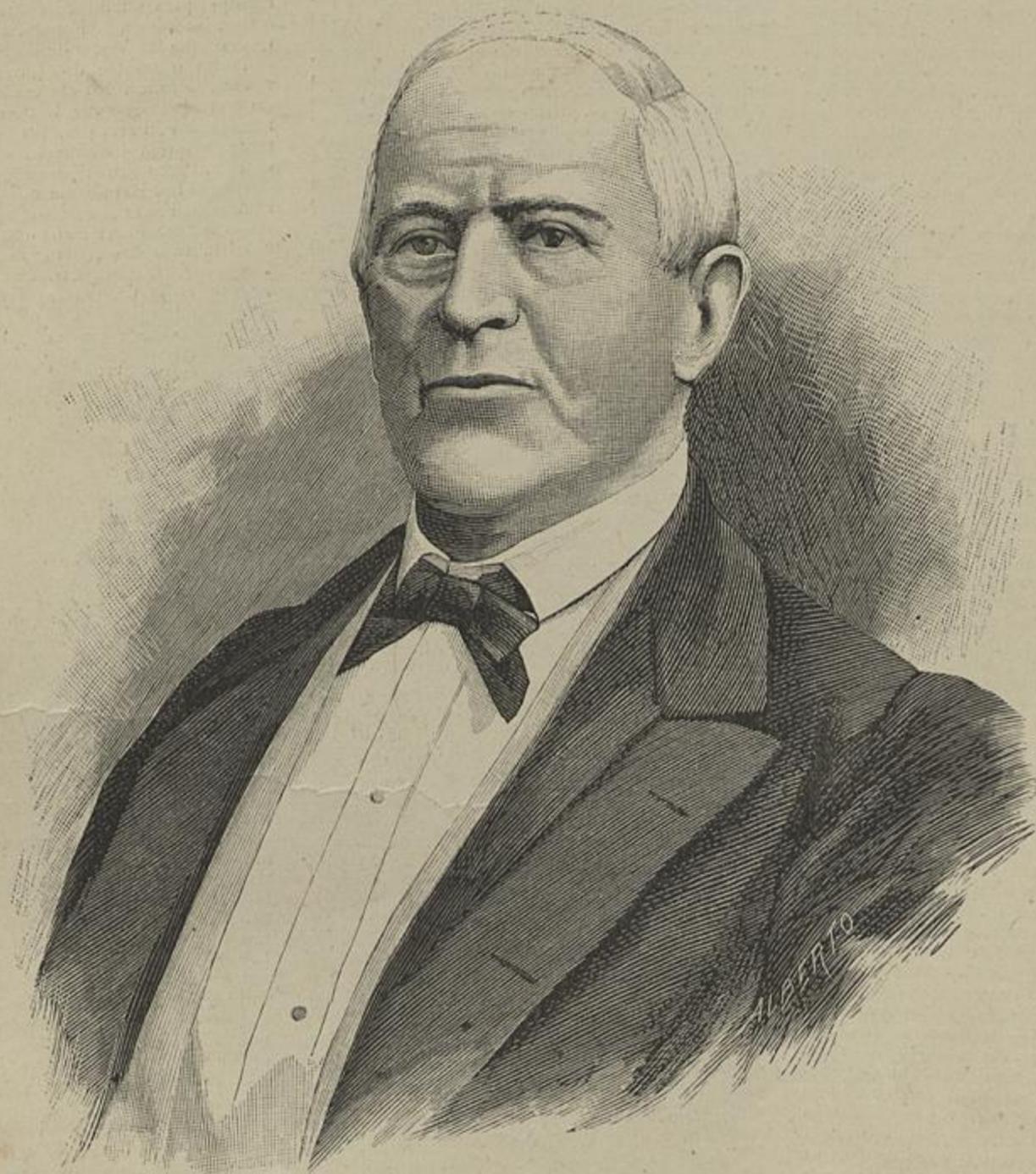


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 582	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lihoa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	25 DE FEVEREIRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



VISCONDE DE SEABRA — FALLECIDO EM 29 DE JANEIRO DE 1895
(Cópia de uma photographia)

isto é, se creou a *liberdade politica*, as tres grandes revoluções crearam o cidadão. Compennetrado d'estas idéas o Visconde de Seabra escreveu o código civil, e ahí archivou todos os direitos humanos: — uma carta de alforria. ¹ Não satisfeito — desceu ás mimudencias, ás hypotheses, e para cada uma d'ellas ditou a prescripção propria. Os que discutiram e approvaram o código, antes de ser convertido em lei, reformaram-lhe o estylo, por vezes quizeram deconcerto harmonisar interesses diferentes, desceram a transacções, tal no casamento, mas não lhe mudaram a structura nem a substancia. Se o poema foi e é representado, proprio da scena, em seus lineamentos o pensamento original ficou inteiro. O livro do illustre jurisconsulto — a *Propriedade*, introdução ao *Código Civil*, é trabalho de prosador elegante, e em todo elle respira o largo folego de uma intelligencia clara. Foi escripto depois que Prudhon, em duas memorias e na carta a Blanqui, soltára seu grito de que ra — a *Propriedade é um roubo*; grito que fez sair a combate philosophos, politicos e economicistas, entre os quaes sobreexcederam Cousin, Thiers e Bastiat. Todos estes *illustres* investiram á compita em favor da natureza humana. Para existir o homem, conclamaram, são necessarios os meios de vida: d'ahi a propriedade.

O código civil e a *Propriedade* são os livros principaes do Visconde de Seabra. Mas durante a sua vida, cortada de revoluções, sempre a toda a hora encontrou momentos para ser um homem util; e assim, quantos pamphletos, quantas polemicas jornalisticas, quantos discursos, tratados e apostillas de direito, não produzio a *verve*, o talento enexgotavel d'aquelle *vir prudens*, d'aquelle varão insigne, comparavel aos antigos por seu trabalho constante, alegre, que tão apenas achava descanso em conversas ensinantes, onde quer falando, quer escrevendo ia á conquista de todos pela palavra erudita e persuasiva! Certo dia, ao sair da Academia Real das Sciencias, em que fôra disserto com a facundia só d'elle, resolveram os consocios acompanhá-lo a casa; e elle, aceitando agradecido, propunha lhana e naturalmente, que, por encurtar a distancia, fossem todos conversando em latim! Tinha pilhas de graça, o nosso caro mestre e amigo, Dias Ferreira, contando o caso em uma sessão academica, em que o espirituoso caudico e o auctor d'este artigo, cada qual por sua vez, exaltaram o eminente jurisconsulto. A academia fel-o então socio emérito. Era bem pouco; mas foi o mais que pôde conceder-lhe. Dia virá porem, em que, ao menos na sala das conferencias veremos o seu busto, para a affirmacão de que, se Portugal tem homens de saber, igualmente possuiu homens de genio; e o Visconde de Seabra era um d'esses. E dizermos que elle tambem fazia bons versos, e que tambem deu boas sentenças, ² e que tambem fôra homem de estado, bom administrador, e tambem soldado! Assombrosa, a pujante vitalidade daquelle nosso grande conterraneo! Se visse em França no tempo de Napoleão I, estava sabido que o Cezar moderno lhe chamaria seu primo, como fez ao Massena, ao bravo principe Eugenio, ao espectacular Murat, e a tantos outros cujas altas qualidades lhes davam pezo para serem honrados d'est'arte. Entre nós foi se, em modesto acompanhamento, dormir o ultimo somno n'um pobre cemiterio d'aldeia; tinha mais um anno do que o seculo, e ha'ia-se-lhe apagado a luz dos olhos, antes que se lhe apagasse a luz da intelligencia e a da vida. Mas até em seu viver physico era um valente. Testemunha presencial nos contou, que ainda em vespuras de morrer, de noite se despertou, deitava a mão a um frangão assado, comia-o, e, voltando-se para o outro lado, dormia descansadamente até pela manhã, em que ditava versos a seu secretario. E além de tudo afirmar que elle era bom, bom de veras, é tambem de justiça. Os ne-

gocios do mundo, o trato dos homens, as paixões e veniagens da politica, tinham-n'o deixado ingenuo; não lhe tinham assombreado o animo, não acreditava mal dos outros. E todavia esses outros tinham n'o atacado e infamado acerbamente, accusando-o de ter roubado; o que? um caldeirão! Todos os deuses no olympo estalaram de riso; mas o pobre grande homem ficou assustado, e até, foi esta a sua unica fraqueza, sahio á estacada em defeza propria, e affirmou, sustentou e provou, que não, que não tinha roubado um caldeirão! Boa gente, doce paiz, e ingenuo grande homem! Se fosse a caldeira que tomaram aos hispanhoes em Aljubarrota, explicava-se a freima dos patriotas; mas essa eu a vi em Alcobaça, e por signal que em pouco resguardo e nenhum cuidado, valha a verdade; mas outra simples caldeira, que não fosse tal documento de nossas bravuras, lá custa a crêr. Acoimaram no, porém, de tal. D'onde infiro que os patriotas eram reles e de entendimento aparvalhado, e que o illustre jurisconsulto, refilando-lhes, deu signal de fraqueza. Tambem só esta o carrega perante os posteres, que, se já desapareceu seu envolvero material, elle não desceu todo á sepultura.

Conde de Valenças.

NOTAS BIOGRAPHICAS

O sr. Antonio Luiz de Seabra era filho de Antonio Seabra da Motta e Silva e de D. Dorothea Bernardina de Sousa Lobo

Nasceu a bordo do navio *Santa Cruz*, nas alturas do archipelago de Cabo Verde, no dia 2 de dezembro de 1798, quando seus paes iam de Lisboa para a Asia, tendo portanto no dia da sua morte 96 annos, 1 mez e 27 dias.

Arribando o navio ao Rio de Janeiro ahí foi baptisado no oratorio do coronel Manoel Alvares da Fonseca Costa.

Vindo para a Portugal, matriculou-se, depois dos estudos preparatorios, na Universidade de Coimbra, em 1815, formando-se na Faculdade de Leis em 1820.

Desde verdes annos manifestou sempre a maior dedicacão á causa da liberdade.

A revolução de 24 de agosto de 1820 inspirou-lhe um soneto que deu a lume na Imprensa da Universidade.

Em 1821, redigiu *O cidadão litterato*, periodico de politica e litteratura. Foi impresso o primeiro numero em Lisboa e os seguintes em Coimbra.

Em agosto de 1821 foi despachado juiz de fóra da alfandega da Fé.

Foram taes os serviços que prestou n'esse cargo, que o ministro da justiça, José da Silva Carvalho, lhe expedia uma portaria, em 3 de dezembro de 1821, louvando-o muito.

Em consequencia da queda do governo liberal, em junho de 1823, pediu o sr. Seabra, em julho immediato a sua exoneração; e indo para a casa paterna em Villa Flor, ahí se occupou durante tres mezes na traducção das *Satyras e Epistolas* de Horacio Flacco, e durante dois annos nos estudos de rhetorica e philosophia racional e moral.

Em 1825 foi nomeado juiz de fóra em Montemor o Velho.

Em 1826 publicou uma *Ode* que dedicou á infantia regente D. Isabel Maria; e n'esse mesmo anno o jornal *O Observador*, do qual apenas sahiram dois numeros por embaraço da censura.

Como tomára parte activa na revolução contra o governo absoluto de D. Miguel, em 1828, viu-se obrigado a emigrar para o estrangeiro, onde, em 1830, publicou em Bruges a *Exposição apologetica dos portuguezes emigrados na Belgica, que recusaram prestar juramento d'elles exigido no dia 26 de agosto de 1830*.

De volta a Portugal foi o sr. Seabra nomeado, por decreto de 25 de outubro de 1833, procurador regio junto da relação de Castello Branco, e simultaneamente exerceu o cargo de corregedor interino de Alcobaça.

No collegio eleitoral de Traz-os-Montes, foi eleito o sr. Seabra, deputado ás côrtes, que se abriram em 15 de agosto de 1834, sendo elle o unico representante que ainda existia d'essas côrtes.

Em 1835 publicou em Lisboa as *Observações do ex corregedor de Alcobaça, Antonio Luiz Seabra, sobre um papel enviado á camara dos senhores deputados, acerca dos bens do mosteiro d'aquella villa*, no qual refutava umas calumnias que então contra elle levantaram alguns dos seus inimigos politicos.

Em 1836, redigia, em Lisboa, o periodico *O Independente* e n'esse mesmo anno foi eleito novamente deputado, não chegando a exercer as

suas funcções por causa da revolução de setembro.

Em 9 de dezembro de 1838 porém, tomou assento em côrtes como deputado eleito por Penafiel, e mais tarde pelo circulo do Porto.

Em 1846 publicou n'aquella cidade as *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco, traduzidas e annotadas*.

Foi membro da junta do Porto quando se deu a revolução de 10 de outubro de 1847.

Em 1850 publicou o sr. Seabra, em Coimbra, o primeiro volume da *Propriedade, Philosophia do direito, para servir de introdução ao commentario sobre a lei dos foraes*.

Em 1850 o decreto de 8 de agosto, lhe incumbiu a importantissima e honrosa missão de organisar o projecto do código civil portuguez.

Em 1850 concluiu o sr. Seabra o seu projecto, que entregou ao governo, e logo começou a ser largamente discutido por uma commissão, até que por lei de 1 de julho de 1867 foi approvedo e promulgado em código civil.

Em 1851, eleito deputado por Aveiro, foi nomeado em 4 de março de 1852 ministro das justias, cargo que exerceu até 19 de agosto do mesmo anno. Ainda n'essa epoca, dissolvidas as côrtes elegeram-o deputado pelos circulos de Aveiro e Moncorvo e passados os quatro annos do seu mandato voltou ás camaras deputado por Aveiro e bem assim no anno de 1858.

Mais tarde, em 1861, foi representante de Anadia, sendo em 1862 presidente da camara dos deputados e nos annos seguintes até 1868 nomeado para presidir a camara dos pares.

Entretantes, em 25 de abril de 1865, foi agraciado com o titulo de visconde de Seabra.

O decreto de 26 de julho de 1866 nomeou o visconde de Seabra reitor da Universidade, lugar de que tomou posse a 14 de agosto de 1867.

Em 1868, novamente nomeado ministro das justias, deixou o cargo de reitor da Universidade em 24 de julho de 1868.

Quando já cego e no ultimo quartel da vida, traduziu o sr. visconde de Seabra, de Ovidio: *O aieus do proscripto* (excerto da versão das *Tristesas*) *A tempestade no mar Adriatico*, e *A mensageira* igualmente excertos das *Tristesas* que foram publicados no Instituto de Coimbra.

A ultima publicação do sr. visconde de Seabra é do anno de 1893 — *A colômbiada ou a fé levada ao novo mundo. Epopeia de Madame du Bocage, vertida em linguagem vernacula e offerecida a sua Magestade a Rainha D. Amelia de Orleans e Bragança, pelo socio emérito da Academia Real das Sciencias de Lisboa, visconde de Seabra*.

Deixou por concluir um romance, ha annos começado, e que se intitula — *Antonio Homem ou o Mestre infeliz*

O visconde de Seabra, fallecido em 29 de janeiro do corrente anno, era juiz aposentado do supremo tribunal de justiça, par do reino, socio emérito da Academia Real da Sciencias, ministro de estado honorario, grã-cruz da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha, commendador da Ordem militar de Jesus Christo. *



AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO HELVÉTICA SUÍSSA

O dr. Zemp, eleito, em dezembro do anno findo, pela republica suissa, presidente dos Estados confederados, durante o corrente anno, é oriundo da cidade de Lucerna, capital do cantão do mesmo nome, e nasceu em 1834.

O novo presidente cursou a faculdade de direito na universidade de Heidelberg, em Alemanha, onde, terminado o quinto semestre do respectivo curso, foi investido com o grau de doutor em leis. Ponce tempo depois era provido no cargo de juiz instructor, da mesma cidade de Lucerna, no qual, porém, se manteve durante limitado praso, dedicando-se, posteriormente, á advocacia.

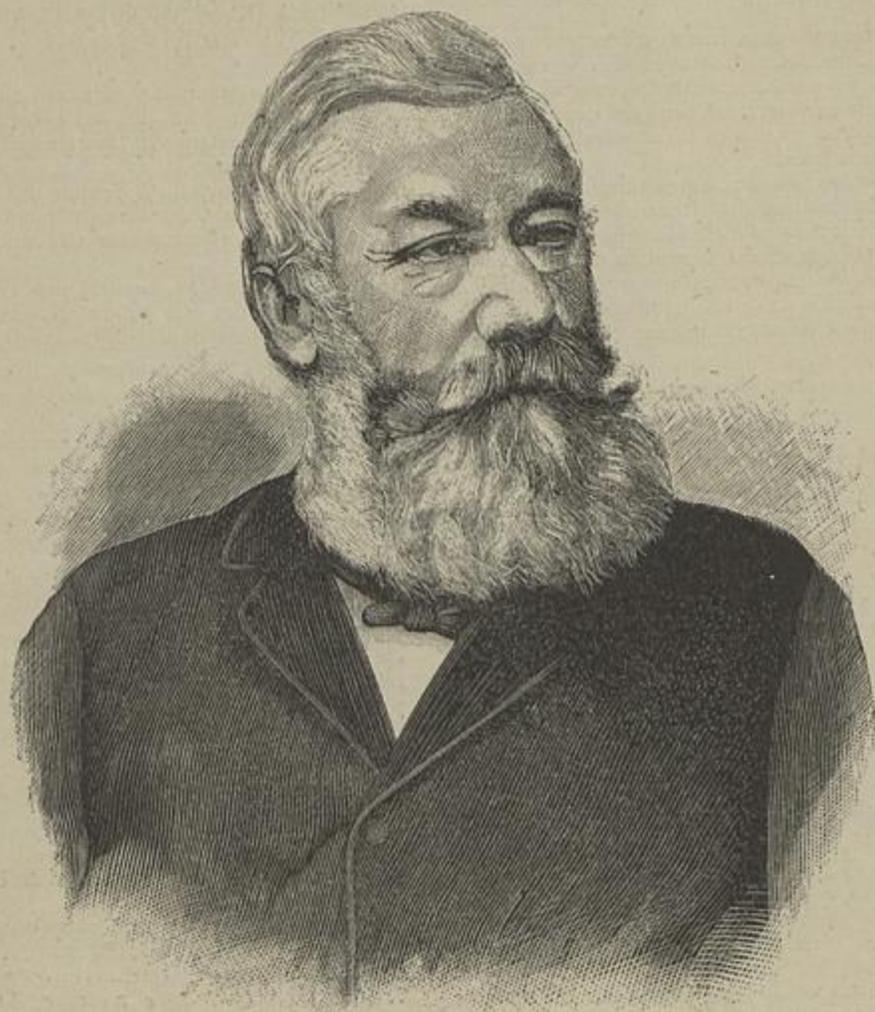
Decorridos seis annos, coube-lhe a honra de ser eleito membro do conselho cantonal; e, dez annos depois, foi despachado para uma prefeitura,

* Estas notas foram colhidas, em parte, nos artigos que, o sr. Joaquim Martins de Carvalho escreveu no seu periodico *O Conimbricense*.

¹ Não é para artigo litterario a demonstração das conclusões apresentadas. Fal-o-hemos de outro modo e muito brevemente. — Aquil só diremos: — Fazendo a synthese de tres revoluções legislativas do código civil, em forma concisa, mas consciante, a revendição dos direitos humanos, que, para não haver equívocos, chamação *direitos originarios*; e são, diz elle — a existencia, a liberdade, a associação, a defeza. Com tal doutrina, deixou determinadas as tres grandes conquistas da historia: — a liberdade civil, a liberdade religiosa, a liberdade politica. A primeira porque diz: — a existencia comprehendendo a vida e integridade pessoal do homem, e tambem o seu bom nome e reputação, a sua dignidade moral (art. 360); a segunda pois acrescenta — a liberdade comprehendendo o pensamento, a expressão e a acção. O pensamento é inviolavel. O direito de expressão é livre, como o pensamento (art. 361, 362, 363); a liberdade politica, porque legisla os direitos da associação e appropriação, e ajunta — o direito de defeza; isto é a facultade de obstar á violação dos direitos naturaes ou adquiridos (art. 367). Conclusão logica, pois ninguém se pode assombrar, nem guardar sua propriedade, sem que eleja o seu governo, ou antes sem que auctorise seus legitimos mandatarios, a dispor do que é seu. Dahi a liberdade politica. E' isto o código. O mais (direitos hypotheticos ou derivados) são disposições para defender os tres inviolaveis direitos.

² Falleceu juiz do supremo tribunal de justiça.

A REPUBLICA HELVETICA



DR. JOSÉ ZEMP—NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA HELVETICA

voltando, porém, em breve, á sua banca de advogado.

O dr. Zemp tambem tem tomado parte na representação federal de 1871 a 1873: pertenceu ao Conselho de Estado do respectivo cantão; e, de 1873 em diante, passou a exercer iden icas funcções, (apenas com interrupção de um anno) no conselho federal.

Em 1880, esta alta corporação elevou-a á dignidade de presidente.

—E', porém, a primeira vez que semelhante honra é conferida a um catholico e, como tal, membro do partido conservador: — e devemos, tambem, notar, que é caso sem precedentes, na Suissa, occupar um catholico o lugar de presidente da confederação.

O dr. Zemp é, aliás, estimadissimo, tanto pelos seus correligionarios, como pelos seus adversarios politicos. O seu caracter integerrimo, a sua indole franca e jovial grangeiaram-lhe a muita popularidade que disfructa,

A egreja apostolica deve-lhe relevantes serviços.

A Suissa é regida por um governo republicano federativo e esta tem sabido dar á Europa o exemplo de um povo que sendo livre, se governa por si proprio, progredindo sem cessar, adquirindo sempre o maior grau na sua liberdade, moralidade e bem estar.

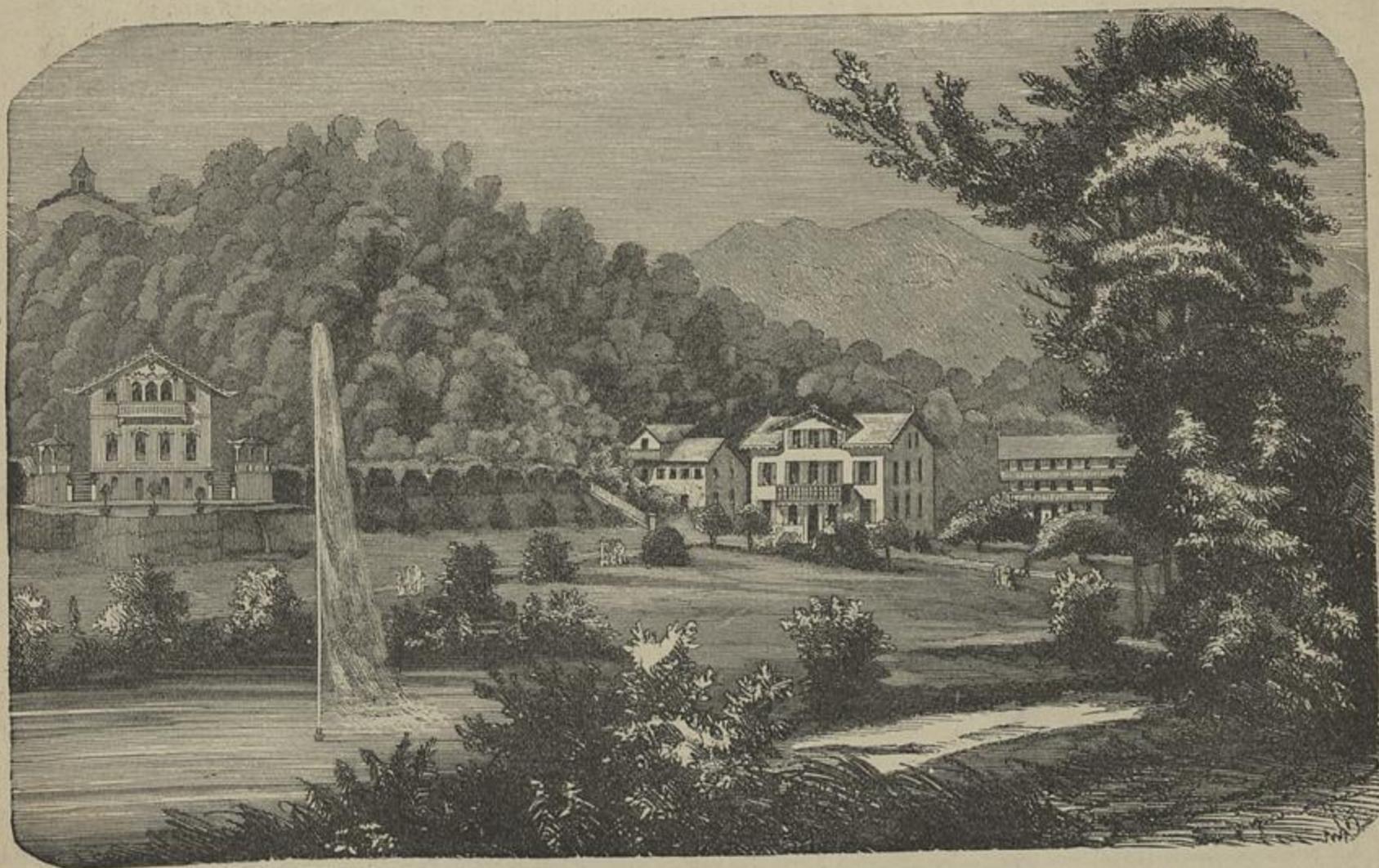
E' a assembleia federal quem representa a auctoridade suprema da Confederação e compoem-se de duas camaras ou conselhos dos Estados. Cada cantão elege um deputado. O conselho nacional é eleito por suffragio directo.

Os cantões são 22 e cada um administra-se nos limites que lhe são prescriptos pelo pacto federal; esta constituição da Suissa funda-se no principio commum da soberania do povo.

A instrucção é larga, e nem podia deixar de ser assim, n'um paiz em que o povo governa.

Como industriaes são bem conhecidos os artefactos e manufacturas suissas.

Os suissos apesar de pertencerem a quatro raças distinctas e fallarem idiomas diferentes, seguem á risca a maxima republicana: «um por todos e to-



UMA PAISAGEM DA SUISSA

dos por um» e assim se espalha o seu commercio. Povo de vida modesta, povo de grande actividade industrial, povo imminantemente independente, os suíços serão sempre uma nação respeitada e estimada pelo seu trabalho e pela inteireza do caracter que os unifica.

A Suíça com as suas altas montanhas cobertas de neves eternas, com as suas geleiras, com os seus bellos lagos, no centro de vearseas cheias de frescura, a sua flora tão variada e tão real é um dos paizes mais pittorescos do mundo e a região mais montanhosa da Europa.

Toda a sua parte meridional e uma parte da região oriental são atravessadas pelos Alpes e suas ramificações.

Uma grande porção da Suíça occidental é coberta pelo Jura; enfim uma vasta planície ondulosa cuja altitude varia entre 250 e 320 metros

E' das geleiras que caem os grandes rios, como o Rheno e Rhodano os quaes vem despeñando-se em pittorescas quedas, precipitando-se em vapores offerecem um espectáculo attraente.

Estes rios trazem aguas turvas e coloridas com a greda das camadas que atravessam. No centro dos Alpes ha grandes bacias de depuração onde os rios vem mergulhar, para sahirem depois limpidas como crystal, — são os lagos e n'elles está a maior belleza da Suíça.

Os dois grandes rios dos Alpes alimentam tambem dois grandes lagos. O Rheno forma o lago Constancia e o Rhodano o de Geneva; o lago de Zurich é o mais gracioso e poetico de todos os lagos da Suíça. As habitações que o rodeiam são verdadeiros palacios de fadas, risonhas, coloridas, luxuriantes de luz, de vegetação, de vida.

É um paiz modelo pelo seu trabalho e pela sua administração.

A CAPELLA DO SENHOR DAS BARROCAS EM AVEIRO

O templosinho gracioso e elegante que a nossa estampa representa é um dos mil sanctuarios que a fé dos crentes erigiu em testemunho de seu amor para com Deus.

Encontra-se a capella, do Senhor das Barrocas, junto a Aveiro e subjectivamente á sua fundação aventam varios escriptores algumas lendas curiosas.

Foi em 1707 que das esmolos dos romeiros e sobras de sizas com que a camara contribuiu, se fez a capella do Senhor das Barrocas.

A REPUBLICA HELVETICA



SUISSA — O MONTE PILATUS

e que se chama Hochebena e estende de W a NW partindo da extremidade N do lago de Geneva para terminar na Wasser-Scheide, cadeia de collinas que se acha entre o Rheno e o Danubio.

A grande cadeia dos Alpes que, separa a Italia da Suíça, toma o nome de Alpes Peninos a partir do Feret e assignala a sua passagem pelos massissos notaveis do monte S. Bernardo e do monte Cervin, que tem a forma de uma torre e o monte Rosa que tem 4.636 metros de altura. Em frente d'esta poderosa massa de montanhas, separadas apenas pelo valle do Rhodano, ergue-se a ramificação colossal dos Alpes berneses. Ahi se estendem temerosos desertos de neve n'uma superficie de quarenta leguas suíças quadradas.

A magnificencia dos Alpes berneses, e os encantos dos primeiros planos são objecto e fim particular das excursões dos viajantes avidos de admirar, a belleza d'essas regiões agrestes.

Imagine se, assim coalhada de mil pequenos lagos, como é agradável a paisagem suíça.

Favorecida pela natureza, que a guarda e esconde no seio das mais altas montanhas, a Suíça, é hoje um paiz neutro, e que facilmente mantém a sua autonomia e independencia.

Ao alcantilado dos seus montes, á rudeza das suas montanhas, ao profundo dos seus valles, vae o povo suíço oppondo todas as construcções que tornem facil a livre communicação.

Assim, são os elevadores, as pontes, as estradas, os trabalhos feitos.

As nossas gravuras representam um dos muitos ascensores que serpeiam por aquelles pittorescos montes. O caminho de ferro do Monte Pilatus. Na primeira vê-se a estação de partida, na segunda a machina subindo. Se não fóra a actividade da população suíça, os transportes pelo paiz não só seriam difficeis mas quasi impossiveis.

A lenda que mais insistentemente se indica é a seguinte:

Em Aveiro um candido devoto, de nome Custodio Fernandes, encontrava-se ás portas da morte e tendo muito amor á vida, intendeu dever *apegar-se* a um Senhor de pedra que em sitio agreste e bravo existia nas *Barrocas*.

Feita a competente promessa o homem conseguiu melhorar, e a sua cura alcançou tanta fama que a imagem de pedra viu-se cercada dos maiores respeitos e das mais pingues esmolos.

Construiu-se, então, primeiro uma capella de madeira, depois fez-se a igreja e após um tríduo de festas a que assistiu o conego Manoel Morêira Rebello, por incumbencia do bispo de Angola D. Luiz Simões Brandão, o qual governava por essa epoca o bispado de Coimbra, realisou-se a trasladação processional da imagem, abrindo-se o templo ao culto em 16 de novembro de 1732.

As dadas e as ofertas foram gradual e successivamente crescendo. De longe vinham osromeiros cheios de esperança e gratidão, pois que aquelles, que como os marítimos, se viam por vezes em artigos de morte, faziam votos valiosos ao Senhor das Barrocas.

Ao lado do templo construiu-se uma ampla casa de forma rectangular para servir de aposentadoria aos forasteiros e visitantes constrictos. Era chamada a *casa da novena* pois que alli, curiosos e devotos, se demoravam em meditação durante nove dias rezando nove orações.

Apreciemos agora architectonicamente o pequeno templo. Tem elle a forma octogonal e exteriormente pode considerar-se uma boa peça do estylo jonico.

A elegante portada ostenta quatro columnas voluteadas.

Dois grandes anjos assentados exhibem um, o santo sudario, outro a tunica.

No friso lê-se esta inscripção, posta em fita de bronze.

DOMUS MEA DOMUS ORATIONIS VOCABITUR

PULSATE ET APERIETUR VOBIS

No coroamento do portico dois anjinhos baioçam um festão de flores no qual ha uma cruz, e sobre a porta principal os florões, que a ornarnão são apreciaveis.

Ha, na porta lateral direita, dois anjos que cercam um escudete em que se vê um lyrio e uma torquez; correspondendo, na porta lateral esquerda a umas vergas e columnas.

Em volta, na parte superior, tem a capella sete janellas, e dezeseis pilastras, conjugadas supportam um entablamento externo que forma uma varanda sem grades nem balaustres e pela qual se pôde, dar a volta ao templo.

No interior a igreja é alegre e risonha cheia de luz. Os dois altares lateraes tem columnas torcidas, feitas de castanho, e ornamentadas com flôres e anjos.

N'estes altares ha dois quadros que dizem ser de boa factura os quaes representam *A adoração dos magos e a Anunciação*.

Tambem se diz que na igreja da Magdalena, n'esta cidade, ha um quadro tambem do mesmo auctor.

A talha, comquanto rica, é sem maior gosto artistico e até o aspecto exterior do edificio na pobreza das suas linhas é mais harmonioso que a pesada laçaria e ornamentação que o estylo grosseiro esculpiu pela madeira que orna o interior da capella.

Os dois pulpitos são um pouco melhores pois que é delicada a esculptura na pedra. As grades eram de madeira dourada.

Saindo pela sacristia, encontra-se um grande armario de pau preto e um *lavabo* com duas carancas, além de outros armarios mais pequenos em cujas portas existim mais pequenos algumas figurinhas chinezas pintadas a ouro.

Agora que estamos fóra da Capella olhem para o seu todo e veremos que não é despido de poesia o campanario que se ergue ao sol que illumina o gracioso templo.

Uma Heroína Franco-Portugueza

(Continuado do n.º 581)

VIII

A cada instante se sente quanto M.^{me} Vincens entrara na vida de Dupleix. Organisa se um passeio de Pondichéry a Madrasta, onde vão com Dupleix tres homens; e em que se não pensa em senhoras, até porque esse passeio tem por fim visitar uma familia, que o convidara a elle. Um dos viajantes, mr. de La Farelle, deixa umas memorias minuciosissimas acerca da sua estada na India. memorias em que conta esse passeio. Ahi refere que Dupleix tanto fez que conseguiu que M.^{me} Vincens e M.^{me} Aumont figurem passear do grupo viajante, e por signal que foram com os seus maridos, o que revela uma extrema confiança em Dupleix. Entre parenthesis diremos que mais uma vez nos apparece na narrativa d'esta viagem uma memoria portugueza. Os viajantes foram salteados por uma chuva medonha, que os encharcou completamente, e que os obrigou, apesar de já estarem perto de Madrasta, a refugiarem-se n'uma igreja portugueza abandonada. Em toda a parte se sente n'essa India o vestigio da nossa passagem.

Dupleix foi nomeado para Chandernagor, teve de partir, mas não se consolava de ser obrigado a abandonar a sua boa amiga, e tanto fez que conseguiu, auxiliado evidentemente por ella, levar Vincens a abandonar a sua alta posição em Pondichéry e a passar para Chandernagor onde lhe offerecia interesses commerciaes importantissimos.

Effectivamente os empregados da Companhia eram interessados nas operações que ella fazia, e negociavam com ella. Assim procedera tambem o governo portuguez logo que descobrira a India, e por isso o fulminam os criticos malevolos de tudo quanto são glorias nacionaes. Era revoltante, no dizer dos maledicentes, que os officiaes do rei, encarregados de representar a sua autoridade e de velar pelos seus interesses, tivessem ao mesmo tempo o seu negocio em pimenta. Bem sabemos que tinha inconvenientes, mas é incontestavel que tinha altas vantagens tambem. Onde encontrava Portugal o dinheiro necessario para para pagar aos seus capitães, aos seus funcionarios, que tinham de exercer o poder e a administração n'um territorio immenso «A Companhia, diz o sr. Guet, não podendo retribuir sufficientemente áquelles que ella empregava, permittia-lhes (à moda dos Portuguezes — à instar dos Portugais) tomar, por sua conta e risco, um interesse nas operações do commercio marítimo local feitas debaixo do pavilhão francez.» E' claro que em Portugal considera-se como a ultima das abjecções só propria de um povo reles, mas nós sempre fomos a pratica que os Francezes—esse povo maravilhoso a que nós não somos dignos de atar os cordões dos sapatos— trataram logo de copiar.

O que é certo é que Dupleix enriqueceu em Chandernagor, mas que, enriquecendo honestamente, á luz do dia, tomando parte, como a lei lh'o permittia, nas operações commerciaes da Companhia das Indias Orientaes, enriquecia ao mesmo tempo a Companhia, que se maravilhava de poder distribuir fortes dividendos e de ver entrar o oiro em torrentes nos seus cofres. Se Dupleix fosse um simples empregado, recebendo no fim do mez os seus modestos vencimentos, não trataria de descobrir as formulas do commercio da India na India, e aliás tambem imitadas dos processos portuguezes—e, se quizesse trazer alguns proventos da India, roubando sem escrupulo os cofres da Companhia.

Os resultados maravilhosos da administração de Dupleix em Chandernagor, por tal fórma o recomendaram á attenção dos administradores, que, apenas vagou em Pondichéry o governo geral da India franceza em 1740, nomearam logo Dupleix. Este partiu, mas já casado. Em 1739 morrera o marido de Joanna: os dois amantes esperaram largamente que passasse o lucto, e só casaram a 17 de abril de 1741, mas tambem Dupleix só partiu depois de realisado o casamento.

E não deixaremos de citar mais um dos pequenos factos que tratamos de pôr em relevo n'este ligeiro estudo. O sr. Guet publica o assento do casamento, e lá figura entre as pessoas que assistiram á cerimonia, «*dona Isabel Rosa de Castro, mãe da esposa*». A portugueza reivindicava o seu tratamento nacional e não consentiu que a fizessem figurar modestamente como figurava no assento de baptismo de sua filha—*dame Elisabeth Rosa de Castre*. Até no ultimo documento a cuja feitura naturalmente ella assiste, se não commette esse erro de orthographia, *Castro* é que lá está.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Continuado do n.º 581)

Entretanto a *Gazeta de Lisboa* continuou a sua quarta epoca, ora redigida por Pinto de Queiroz ora por Antonio Vicente Dellanave.

Como já dissemos essa série havia começado com n.º 132 em 5 de junho de 1823 e veiu a findar dez annos depois, em 23 de julho de 1833 com o n.º 172 para dar lugar de honra á *Chronica Constitucional de Lisboa*, cujo 1.º numero appareceu á luz da publicidade no dia 25, seguinte áquelle em que as tropas do duque da Terceira entraram na capital.

Foi confiada a redacção da *Chronica* a David da Fonseca Pinto, o qual depois foi substituido por José Maria da Costa e Silva coadjuvado por José Maria de Sousa Monteiro.

A *Chronica* era encimada pelo escudo das armas reaes portuguezas, que ali figurou até ao n.º 66 de 18 de março de 1834 passando no seguinte numero a ser collocado entre as palavras *Chronica de Lisboa*, tendo por baixo do dito escudo um

livro aberto (a Carta) em que se lê, em typo mais miudo, a palavra *Constitucional*.

O ultimo numero da *Chronica Constitucional de Lisboa*, n.º 151, é datado de 28 de junho de 1834. Em 1 de julho seguinte appareceu a *Gazeta Official do Governo*.

Era então ministro do reino o conselheiro Bento Pereira do Carmo e diz-se que aquella modificação no titulo da folha official foi suggerida por Agostinho José Freire.

Esse titulo continuou inalteravel até ao n.º 83, 4 de outubro de 1834 — ficando restricto simplesmente ao de *Gazeta do Governo* passando a ser inserta na folha além da parte official uma parte não official, na qual se promettiam exarar «todos os objectos de interesse publico,» programma que procurou seguir até ao n.º 157 — 31 de dezembro do dito anno — em que mudou o titulo de *Gazeta* para retomar, no começo do anno seguinte, o de *Diario do Governo*, o qual nunca mais perdeu até 1860.

Foi redactor da *Gazeta Official do Governo* o sr. José Frederico Pereira Marecos desde julho de 1834 até ao fim de 1835.

O *Diario* foi successivamente redigido pelos srs.: Paulo Midosi Senior, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa (de julho de 1835 a 9 de setembro de 1836) João Carlos Lara de Carvalho (de 10 a 30 de setembro de 1836) Antonio Pereira Ferrea Aragão (de 30 de setembro a outubro de 1837) Alexandre Herculano, José Frederico Pereira Marecas (segunda vez: desde janeiro de 1840 até 9 de fevereiro de 1842) José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (de 11 a 18 de fevereiro de 1842) José Maria da Silva Leal (parte de 1842 e todo o anno de 1843) Carlos Bento da Silva (ultimos mezes de 1845 e em 1846 pela revolução do Minho) Eleuterio Francisco de Castello Branco (ultimos mezes de 1846 até setembro de 1847) e Ignacio Vilhena Barbosa (de outubro de 1847 a maio de 1849). Este ultimo foi exonerado por causa de um artigo que appareceu no n.º 111 d'aquelle anno no qual se accusava o parlamento de *ter falado muito e trabalhado pouco*.

Esse artigo acabava com o seguinte periodo:

«... Porém se o parlamento mereceu tão fortes censuras, se varias considerações, ao que nos parece razoaveis e justas, o desculpam de alguma sorte pelo pouco que n'esta sessão tem feito a bem do paiz, cumpre-lhe exforçar-se para bem aproveitar o tempo que resta; e, se empregarem ainda exforços, como esperamos que fará, ainda pôde attender a algumas necessidades publicas com que ganhe creditos e satisfaça o paiz.»

Este artigo serviu á opposição de arma de ataque ao governo, declarando a camara que se achava susceptibilizada por elle e perguntando ao presidente do conselho se lhe assumia a responsabilidade.

O chefe do gabinete, então o conde de Thomar, declarou que aquella era a opinião individual do auctor do artigo e que o governo nada tinha com isso, mas que trataria de dar plena satisfação á camara por medidas que ia adoptar.

As providencias promettidas não se fizeram esperar. Vilhena Barbosa foi exonerado de redactor do *Diario* e os artigos politicos na folha official cessaram desde então.

Vilhena Barbosa, escriptor honrado e consciencioso, veiu á barra justificar-se publicando na *União* (n.º 111 de 19 de maio de 1849) um artigo de defeza que foi excellentemente acolhido por todos os jornalistas independentes e honestos.

Effectivamente, quem ler o artigo incriminado mal poderá comprehender como a camara legislativa de então se melindrou por tão pouco, hoje que os proprios ministros lhe dizem face a face coisas muito peiores!

Temos como certo que aquellas phrases dirigidas pelo redactor da folha official ao parlamento, ou antes, á opposição, que em todos os governos tem sido obstruccionista, não eram mais que o proprio pensar do governo, mas José Marcellino de Sá Vargas (servindo por doença do duque de Saldanha) não quiz, ou teve medo de as perfilhar, resultando os factos que depois se deram.

Dissemos algures que aos officiaes das secretarias d'estado havia sido concedido o privilegio da impressão e emulmentos da *Gazeta* pelo alvará de 23 de fevereiro de 1760, renovado depois por D. Maria I pelo decreto de 2 de maio de 1781.

O absolutismo acabou com esse privilegio, mas em 1822 pelo artigo 15.º d. lei de 12 de junho as côrtes constituintes o incluíram nas suas reformas liberaes, não pelo simples facto de ser privilegio o que pouco se concilia com as ideias da liberdade, mas porque os emulmentos da folha official iam beneficiar muitos funcionarios publicos, sem-

pre na nossa terra mal remunerados e vivendo nas maiores dificuldades.

Silva Pereira.

(Continua)

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 581)

IV

Coincidiu com estes acontecimentos, a maior alegria que agitou os annos mocos do pupilo do José Elias. A sua correspondencia, interceptada durante algum tempo, tinha sido afinal reatada pelas manobras da Tintureira, que soubera aliciar com palavrinhas doces, á sua empresa, uma creada nova do Palmeirão. — rapariga aldeã que tinha as virtudes experimentadas pela audacia ardilosa de tres serandeiros rivaes, na ida epocha dos seus labores campestres. Esta rapariga, que tinha o convidativo nome de Felisbella, recebia as cartas da mão da Tintureira, e a ella, igualmente, entregava as respostas de Rosalia. Mas, como um dia visse Estevam e o achasse «bem parecido», resolveu trabalhar por conta propria, e eliminar o auxilio inutil da Tintureira. Para este fim, começou a facilitar-se, quasi a provocar as abordagens do rapaz; todavia como elle parecia não perceber o seu jogo, aproveitou a occasião em que a ama lhe tinha dado uma carta, e em lugar de ir entregal-a, como de costume, á Tintureira, esperou que Estevam passasse e, armando o rosto de um embaçado rubor, fez a entrega directamente. Depois d'este dia, nunca mais a velha interveio no negocio; e foi necessario que Estevam continuasse a visital-a e a ajudar-lhe a «porca da existencia», para que ella não alarmasse toda a rua, com a sua indignação de medianeira expoliada!

Com quanto Clara andasse agora cada vez mais illudida com as intenções de Estevam, que tentava desviar suspeitas com um jogo de ternura friamente estudado, o rapaz prosperava no coração de Rosalia, que lhe dava todos os pensamentos com ingenuidades que revelavam a crença profunda e deliciosa do primeiro amor sentido.

Mas, um dia, pareceu a Estevam que as effusões da sua paixão a custo cabiam na folha de papel em que diariamente as trasladava, e começou a insistir, já com Rosalia, já com a creada, na necessidade de uma entrevista em que ambos possessem comunicar livremente, os segredos que o coração não ousava confiar ás cartas. A principio, a brasileira negou-se, admirada da audacia de tal desejo; mas as insistencias de Estevam que Felisbella auxiliava, insinuando-lhe a facilidade com que tudo se conseguiria em segredo, acabaram por lhe arrancar o consentimento; e, uma noite, o pupilo do José Elias, escalou o muro do quintal com ajuda da nespereira, saltou para o jardim do Palmeirão, e no mesmo instante encontrou um vulto que o guiou a um pavilhão de verdura, proximo.

— Entre — segredou-lhe a creada confidente. — A menina está ahí.

Ja a retirar-se, discretamente, mas a voz abafada de Rosalia chamou-a dentro:

— Felisbella!

— Minha senhora?

— Não vás, fica ahí, á porta, a vigiar que não venha alguém.

A rapariga, que encarava com certa philosophia estes transe de amor mysterioso, olhou com pasmo para a ama; depois, vendo-a toda convulsa da emoção e do receio, teve um sorriso singular, e pôz-se de atalaya, emquanto Estevam, cahindo melodramaticamente aos pés de Rosalia, exclamava, beijando-lhe as mãos tremulas:

— Meu amor! Meu amor!

Desde este dia, uma confiança mutua estreitou mais aquelles corações tão diversamente formados, mas onde o mesmo amor abria caudales de igual ternura, porque ambos elles eram sinseros; só a pobre Clarinha vivia illudida por caricias premeditadas, e, sempre confiada e crente, cada vez se abandonava com mais ardor aos desejos d'esse rapaz que a formosura inacessivel de outra, estimulava!

Rosalia pouco conhecia das condições sociaes que cercavam o homem que amava. Sabia que no seu nascimento havia um mysterio, porque o proprio Estevam lh'o dissera, dourando a stygia da sua bastardia, com uma historia romanescas, confusamente imaginada sobre as suas reminiscencias de Ennery, em que havia uma condessa e um prelado illustre... Esta preferencia com que elle distinguia o clero, fazendo um dos seus prin-

cipes responsavel pela sua existencia, fora-lhe suggerida pela particularidade de ter o seu destino preso á tutela humilhante de um sacristão. Assim, tudo era explicavel e airoso... E n'esta onda de confidencias, o rapaz não occultou que ao perfazer 25 annos, se operaria talvez uma radical alteração na sua vida, quando os papeis legados pela velha Pimenta, fossem emfim violados pela sua ansiosa curiosidade.

Os encontros no pavilhão do jardim repetiram-se todas as semanas, sob a vigilancia da creada. No delicioso fervor dos primeiros momentos, tinham-se jurado mutua fidelidade, planeando as suas nupcias para o tempo em que a entrega legal dos papeis que o José Elias conservava, completasse a existencia de Estevam. Rosalia promettia vencer qualquer repugnancia que a tia Florencia possessee no enlace, recordando as palavras que o pae proferira ao morrer, em que ordenava deixassem á filha a livre escolha do seu futuro. E, transmitindo reciprocamente o valor necessario para o bem dos seus desejos, ambos elles viam decorrer com impaciencia, a larga serie de dias que os separava d'esse futuro illuminado pelas suas esperanças.

Um dia, Rosalia dispunha pensativamente alguns cravos nas jarras do oratorio familiar, quando Felisbella appareceu á porta.

— A seuhora D. Florencia manda dizer se a menina faz favor de lá chegar — exclamou ella.

— Já vou. Ella onde está?

— Na sala de visitas, com o senhor conego Pestana e outro senhor que não conheço. Naturalmente, parente...

— Sim...

— É um senhor novo, muito bom posto, mesmo muito. O que tem, é que traz não sei que n'um olho, parece um vidro collado...

N'este momento, a voz aguda de D. Florencia, sahiu do corredor, impaciente:

— Rosalia!

— Já vou, titi!

— Não te demores.

— Vou já, já!

E abandonando sobre uma jardineira os cravos que estava dispondo, correu a um gabinete proximo, demorou-se alguns minutos em frente de um espelho, compondo ligeiramente o penteado, e sahiu logo para a sala.

D. Florencia fez a apresentação do bacharel Silvestre com palavras em que se adivinhava uma sympathia nascente, talvez derivada da amizade especial que o conego lhe merecia; e Rosalia sentiu-se corar, notando a estupefacção quasi idiota com que o advogado a cumprimentava.

— O sr. doutor Silvestre, — interveio jovialmente D. Florencia, — já prometteu que vencia a questão das aguas de Setães. Ah! tem a proprietaria; ella que lhe agradeça!

Rosalia tentou um sorriso e balbuciou:

— Decerto... Eu agradeço...

— Não agradeça, minha senhora, não agradeça nada, sem ver! — atalhou o conego. — Isto, de coisas judiciais, é sempre incerto. E o Silvestre andou mal em prometter uma coisa que não está nas mãos d'elle.

Rosalia, já serenada, interrompeu amavelmente.

— E' o mesmo. Basta que o sr. doutor empregue a sua boa vontade, para que tanto minha tia como eu, lhe tiqemos muito reconhecidas.

— Decerto, decerto, — concordou D. Florencia.

— Perdão, minhas senhoras, — interveio o bacharel, com voz difficil. — Eu prometti, effectivamente, bom resultado, não porque confiasse de mais nos meus meritos de advogado novato, mas porque toda a justiça está do lado de vossas excellencias. Ora sendo assim, parece-me que o triumpho não deve ser difficil...

— Homem! ha muita maroteia por esse mundo! E' bom estar sempre de prevenção. — atendeu o conego.

D. Florencia interveio, com um sorriso familiar...

— Credo, conego! O senhor, tambem, desconfia de tudo! Mas seja lá como fór, acabou-se! É certo que eu gostava de vencer a questão, mas era, sobretudo, para abater a prôa ao meu contendor. E' mais um capricho do que outra coisa. Todavia, para melhor conhecer as particularidades do litigio, desejava que o senhor fosse pessoalmente á quinta.

— Quando v. ex.ª quizer.

— Sim? Então combinamos já um dia... Vamos de manhã, é melhor... Podemos até lá jantar; e fazemos d'essa obrigação um passeio agradável. Que diz, conego? Já se sabe, o senhor tambem fica emprazado para nos acompanhar.

— Que hei de eu dizer, minha rica senhora?

Digo que sim, minha senhora, que estou, como sempre, ás suas ordens.

— O peor, é que se aborrecem, decerto... — Contrariou delicadamente Rosalia. Um dia inteiro de Campo! O senhor doutor, pelo menos, vae-se aborrecer mortalmente!

— Eu?! Como v. ex.ª se engaua! Não ha ninguem que ame tanto a paz campestre como eu, minha senhora!

O conego arregalou os olhos, n'uma mimica de espanto, mas nada disse, porque as palavras de D. Florencia immediatamente lhe reclamaram a attenção.

— Então façam favor de destinar o dia, — exclamou ella.

— Nada, nada, v. ex.ª são quem manda.

— Não... Diga lá, conego, quando lhe convem?

— P'ra mim é o mesmo. Nunca tive semana mais livre do que esta:

— Então, diga o senhor doutor...

— Não, minha senhora. Será quando v. ex.ª determinem.

— Ai, que cerimonia!

— Vá, diga então a titi! — exclamou Rosalia.

— Pois bem. Pode ser na... Quinta feira, depois de amanhã, serve-lhes?

— Maravilhosamente! — fez o bacharel, secundado por um violento accesso do conego, que estava asfixiado por um espirro.

Os dois homens ainda se detiveram muito tempo na casa do Palmeirão. Silvestre trahia abstracções e pouco interesse pela palestra de D. Florencia, os olhos esquecidos no delicioso perfil da sobrinha, com quem afinal incetara um dialogo á parte, deixando o tio conego só, sob o palavrear incessante da velha. Rosalia, vagamente enleada por aquella deferencia, sentia os olhos do advogado percorrerem a sua formosura, e admirava-se de que o seu coração, cheio do amor de Estevam, não se revoltasse contra a singular persistencia d'essa contemplação.

Sem poder explicar o motivo, Silvestre, que tinha sempre difficuldade em fugir ao seu habito de conversação vivaz e cambiante, surprehendia-se a dissertar, com a adoravel brasileira, sobre a vida affectuosa e retirada, tomando só, nos movimentos da sociedade, a parte que elles têm de mais superficial e menos perturbador. Não lhe escondeu, contudo, a admiração que lhe causava uma senhora tão nova e tão formosa, com todas as qualidades inherentes á ventura, passar os seus dias encerrada n'esse velho casarão, consumida de orações e de todo esse tedio espesso com que a Santa Igreja costuma galardear os seus fieis. Ella confessou que a educação que tivera, sempre recolhida, sob a amizade dos seus, lhe amoldara o espirito a esse fastidioso regimen de existencia; de mais, como sahia pouco e nunca andara involvida em tumultos de mundanismo, os seus desejos, faltos de estimulante, conservavam-se adormecidos; e tendo ja mais de vinte annos, não pensara ainda na felicidade com que outra qualquer existencia pudesse illuminar a sua juventude.

Rosalia, quando dizia isto, não se lembrava decerto do juramento que a ligava a Estevam. Os corações sensíveis têm, ás vezes, d'estas incoherentes abstracções.

Final o conego ergueu-se em despedida; Silvestre, sem vontade, ergueu-se tambem; e, entre os ultimos cumprimentos, a voz de D. Florencia lembrou:

— Então esta combinado. Na quinta-feira vamos a Setães. Lá mando a carruagem ás 10 horas da manhã. E preciso madrugar, senhor doutor!

— Oh, minha senhora, com mil vontades. Ainda que fosse ás 5 da manhã.

Quando sahiram, em caminho para casa, o conego disse ao sobrinho:

— Sempre tu és um farcista!

— Eu?! Porque?

— A dizeres ás brasileiras que gostavas muito do Campo, e tal, sim senhores... e afinal de contas o que tu querias era lá não pôr o pé, em Setães.

— Ora; o tio tem coisas!...

O conego riu:

— E ellas comeram-na! Tens labia, maroto. A D. Florencia ficou babadinha por ti, pelo teu palavriado. Disse-me que eras um perfeito cavalheiro. E' o que eu te digo: entraste-lhe no coração!

— Abrenuncio! No coração da velha?.. Sãfa, reverendo tio, não quero tal habitação!

— Homem, — fez o conego, philosophicamente, — casas velhas são as mais bem feitas.

— Pois habite-as, reverendo tio, e deixe-me as novas para mim.

— Deixo, deixo! Que remedio tenho eu, senão deixar!... E' verdade, olha lá: e que tal, a sobrinha? Vocês pegaram-se a fallar, nem que fos-

sem já muito conhecidos... Quer dizer; tu, no principio, quando ella appareceu, ficaste emburrado, nem parecias o mesmo.

O outro, vagamente enleado, encolheu os hombros, n'uma evasiva discreta.

— Não me lembro.

— Mas que tal te pareceu ella?

— A sobrinha?... Bem.

— Estava ali uma noivinha a calhar, hein?

Silvestre murmurou, pallidamente:

— Que idéa!...

— Ah, é verdade, não me lembrava dos teus principios antimatrimoniaes... Pois, meu amigo, fazes uma redonda asneira! Quando ellas assim apparecem, quem as não aproveita, se não é tolo... sabes o que é?...

— O que é?

— E' burro! — disse o conego com toda a força da sua convicção.

(Continua)



REVISTA POLITICA

De um extremo ao outro do paiz sentiu-se espanto, admiração, assombro até, tão grande, tão mesperado, que a todos colheu de surpresa, no meio da brandura dos costumes indigenas.

Foi o caso que um dia appareceu no *Diario do Governo*, a demissão de um empregado publico, de um funcionario do primeiro estabelecimento escolar do paiz, o secretario da universidade de Coimbra.

A causa de tal demissão fôra o demittido ter se manifestado publicamente contra as instituições vigentes, fazendo parte de uma commissão republicana na Lusa Athenas.

Nós respeitamos as idéas politicas de todos, quer ellas sejam retrogradadas como as de um sebastianista ou avançadas como as de um communista, porque a liberdade de pensar é um direito tão natural, que só custa a comprehender que para a sua conquista e manifestação fosse mister derramar tanto sangue, em luctas contra o despotismo esmagador da liberdade de pensamento.

Mas porque respeitamos esse direito, nem por isso entendemos que elle se possa exercer, em todas as circumstancias e casos, porque a isso muitas vezes se oppõem as conveniencias sociaes, as leis que nos regem, os proprios interesses, e o respeito que se deve ás maiorias, nucleo de força que tem o natural direito de se impôr.

Aqui se podia applicar o preloquio de: «quem diz o quer, ouve o que não quer». Foi o que aconteceu, e que tão grande espanto causou, n'esta boa terra, em que cada um faz o quer, sem se importar saber se os outros querem tambem.

Costumados como estamos a esta liberdade licenciosa, muito proxima da anarchia, foi fallado e discutido em todas as folhas o caso de haver um governo que demitte um funcionario publico, porque este conspira contra as instituições sob o regimen das quaes vive o paiz, por vontade da sua maioria. Era em verdade espantoso haver um governo portuguez que fizesse o que fazem todos os governos do mundo.

Um acto assim de força nunca se vira, e não sabemos se até o proprio governo se admirou de o haver praticado.

Vieram a campo todos os logares communs das persiguições, a dos cabraes, a do casete e até a da força; veio tudo, menos o bom senso e a razão, como se este paiz não tivesse nem rei nem roque, e devesse deixar a cada qual o direito de conspirar livremente, para assim ser acatada a liberdade que a Carta faculta a este povo.

Ora se os conspiradores entendem assistir-lhes o direito de conspirar, não devem negar ao governo o direito de, pelos meios que melhor entender, reprimir e castigar dentro da lei, esses conspiradores. De outro modo não se definiria o governo d'este paiz, o que, por vezes, é preciso confessar, não se sabe ao certo qual seja.

A nação por enquanto tem determinadas instituições por vontade da sua maioria e ao governo cumpre mantel as e fazer respeitadas e mal irá aquelle que assim não proceder.

E por isso que enquanto a imprensa opposicionista atacava o governo pelo seu acto de força, a maioria do paiz, no meio do espanto que lhe produziu esse acto de força, deu razão ao governo porque comprehendeu que é preciso haver alguém que governe.

Assim continuam a serem infelizes as opposições



AVEIRO — CAPELLA DO SENHOR DAS BARROCAS

(Copia de uma photographia)

em suas investidas contra o governo, tão infelizes que nem mesmo tocando a corda sensível do contribuinte para que não pague as contribuições, tem conseguido afastar dos cofres publicos o pagamento das mesmas, no que, em verdade o povo tem dado lições de bom senso a quem o pretende desnoitear.

E o que está acontecendo com as contribuições é o mesmo que succedeu com os comicios, que fizeram completo *fiasco*, tão grande, que levon o desanimo á coligação liberal, de republicanos e monarchicos cujo cordão umbilical está prestes a desfazer-se, á falta de alimento.

Quando o paiz inteiro pede administração, reconhecendo a necessidade inadiavel de um governo que administre em vez de fazer politica, não nos parece occasião azada para o chamar a comicios especulativos de politiquice. E é este mau camiinho seguido pela opposição que a tem afastado do poder, descobrindo a sua fraqueza e dando força ao governo.

Como se ririam de tudo isto os velhos politicos que hoje dormem á sombra dos cyprestes. Arvore, que dá tanta sombra como o cano de uma chaminé, figura de rhetorica que vale tanto como os discursos produzidos nos varios comicios que para ahi se tem realisado, desde Cheira Ventos até Mata Cães.

Emquanto ao parlamento nada se sabe por enquanto a respeito da sua reabertura apesar, de se dizer que abrirá em março.

O que parece certo é que não abrirá, mas que será dissolvido e virão outras eleições, logo que esteja publicado o novo codigo administrativo, e reforma eleitoral que estão sendo elaborados pelo governo.

E' mais um acto de dietadura com que o paiz vae ser brindado, graças á esterilidade parlamentar que apenas tem sabido, n'estes ultimos tempos produzir rhetoricas estafadas em sessões tumultuosas de um parlamentarismo reles.

Em dietadura ainda, ultimou o governo um contracto com o Banco de Portugal, que tem sido apreçado como altamente vantajoso para o paiz.

Nós não nos pronunciamos sobre este contracto,

aguardando-lhes as consequencias o que sempre é melhor do que disparatar sobre o caso, como temos visto ahi em algumas folhas politicas.

Para nós entendemos que o contracto terá todas as vantagens que se podem alcançar em negocios de dinheiro, cuja solução tem de ser adiada, e o certo é que, apesar de todos os artigos que os jornaes tem editado sobre tal convenio, ainda não conseguiram tirar nada a limpo da questão.

Decididamente as finanças não é o forte dos nossos politicos, antes pelo contrario.

E agora o está provando um andrajoso mascarado, que defronte da nossa janella está pedindo em altos berros dezreisinhas para o velho.

Uma miseria!

João Verdades.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Lourico, 25 a 37